

REFLEXÕES DE UMA ACADÊMICO

Sinto-me honrado pelo convite do portal da UnB para escrever sobre minhas reflexões e sentimentos quanto ao convite do *Kuwait Foundation for Advancement of Science (Kas)*. O convite é para integrar Academia de Ciências do mundo árabe. Uma honra reservada para ganhadores do prestigiado *Kuwait Prize*, e um dever para eles oferecem consultas sobre assuntos científicos relacionados aos programas e projetos de desenvolvimento patrocinados pelo Kfas e outros fundos monetários árabes.

Neste momento minha memória me leva há 46 anos, quando iniciei os primeiros passos em direção a nossa Universidade de Brasília e meu atual programa de pesquisa. Isso foi em 1974, quando o Egito me indicou para representá-lo no acordo bilateral com o Brasil. Naquele ano, este não foi, contudo, o primeiro momento que o Brasil esteve na minha mente.

Três anos antes, exatamente em 1971, o Brasil me tocou profundamente, quando li, traduzido para o árabe, o famoso livro do eminente pernambucano, Josué de Castro, intitulado *A geografia da fome*.

Foi naquele ano que nasceu em mim o interesse pelo estudo da cultura da mandioca e pela pesquisa do seu melhoramento; um anseio que me acompanhou por toda minha vida.

O Josué projetou com habilidade a dependência das pessoas pobres do nordeste pela comida feita da mandioca e apontou a sua carência em proteína. Mas ele não imaginou que a própria mandioca poderia ser melhorada para conter um alto valor de proteína.

Como professor do *Institute of African Studies* da Universidade do Cairo, no início da década 1970, eu tive a cultura da mandioca como assunto lecionado por mim. Assim, fui atraído pelo o que Josué escreveu e escolhi a pesquisa para minha missão ao Brasil.

2

Com o apoio dos Centros Internacionais IDRC e IITA, em 1975 e do próprio Itamarati, comecei meu programa em 1974 e ele durou além da década 1970 com apoio do CNPq e patrocínio da UnB até esse momento.

Depois de passados 46 anos, olho para traz e vejo o quanto à missão foi difícil, mas não menos fascinante e gratificante, pois todo o empenho, esforço foi bem compensado por resultados impressionantes.

Tive que coletar sozinho as espécies silvestres da mandioca, numa topografia e cultura completamente diferentes da minha, propagar sementes que não germinam facilmente e, finalmente, hibridizar espécies que se cruzam com muita dificuldade.

O melhoramento da cultura evoluiu bastante durante os 46 anos, passando por várias fases, começando por desenvolver primeiros clones apométicos da cultura da mandioca e de todas as culturas, de raízes e tubérculos. O aumento do conteúdo protéico, do caroteno e de micronutrientes como o ferro e o zinco. Ultimamente, desenvolver tipo periclinal que leva a produtividade a um patamar muito alto.

Os resultados foram documentados em trabalhos originais publicados em periódicos de alto impacto.

Sinto que realizei um sonho que me acompanhou antes e após a minha vinda para o Brasil, e que consegui contribuir com algo para a melhoria das condições alimentares dos menos favorecidos da população.

A recente projeção, do Centro Internacional do Canadá – IDRC, mostra ainda resultados impressionantes sobre impacto de produto de nossa pesquisa na UnB em locais fora do Brasil.

Comemorando 50 anos de sua criação, o centro publicou o nosso projeto, financiado por ele, na década de 1970, como exemplo do grande impacto realizado na segurança alimentar, na melhoria da vida dos pobres.

Os híbridos fornecidos por nosso programa ao IITA, há 42 anos, e desenvolvidos por seu pesquisadores produziram família de cultivares da mandioca cobrindo mais de quatro milhões hectares, por causa de sua sólida resistência à doença do mosaico. Quando recentemente uma raça da doença surgiu com virulência em países vizinhos,

3

essas variedades serviram, mais uma vez, como fonte de resistência e salvaram o país de uma ameaça eminente.

A minha maior paixão, além de pesquisar, foi a de ensinar. Durante 46 anos de ensino no Brasil, introduzi e ministrei diferentes disciplinas distintas, para alunos da graduação e pós-graduação da Agronomia e Botânica da UnB, e de outras universidades nacionais e internacionais em áreas de melhoramento genético, criptogenética, biodiversidade e evolução.

Para fora da UnB, levei com apoio da Capes algumas dessas disciplinas para universidades de São Paulo, Viçosa, Federal do Rio grande do Sul, Federal de Goiás, Federal do Rio de Janeiro, Estadual de Feira de Santana, ao Centro Interamericano de Pós-Graduação da Costa Rica e a Universidade de Berna, na Suíça.

Durante de meu trabalho na UnB, recebi de meus colegas e da administração da UnB tudo carinho e todo apoio que necessitei. Graças ao isso fui primeiro titular concursado na história da UnB em 1989 e emérito da UnB em 2008.

Quando recebi *Prêmio Kuwait* em 2015 e o transformei em uma fundação filantrópica, senti retribuir ao Brasil um pouco do que ele me deu.

Amei o Brasil e a UnB durante todos os dias e os todos os momentos da minha vida, e neles pude realizar meu sonho e minhas aspirações. No Brasil, eu escolhi e amei viver.